

UNIVERSIDADE E SOCIEDADE

Paulo Meneses
UNICAP — PE

Aproxima-se um novo século e, por toda a parte, ouvem-se discussões sobre o futuro da humanidade no milênio que vai começar. Há perspectivas sombrias que chegam até à universal catástrofe no discurso dos profetas de fim de mundo, que parecem desta vez ainda mais empolgados do que os profetas do Apocalipse no final do primeiro milênio.

Mas há também os otimistas, impregnados da idéia do progresso, confiantes nas possibilidades da técnica que produziu tantas maravilhas em nosso século, e que certamente vai alcançar níveis além da imaginação no novo milênio.

Pessimistas e otimistas são como duas famílias do espírito humano que, em todos os tempos e assuntos se apresentam como uma polaridade constitutiva da consciência social: ambas as famílias têm a sua verdade e talvez seja necessária sua coexistência num fluxo e refluxo de esperança e de receio ante o desconhecido; pois o desconhecido nos rodeia como um oceano, e o conhecido constitui um tênue arquipélago onde podemos ter evidências em vez de conjeturas.

É natural que, a cada volta que a história dá, a cada fim de época ou início de uma nova, se faça um balanço do que passou, e se projete, a partir daí, o futuro. Vemos as instituições de nossa sociedade dedicarem-se hoje em dia a esse exercício, a começar pela universidade. Organizam-se Congressos, Seminários, Conferências sobre a universidade no novo milênio, e é natural que assim seja: sendo a universidade, em certo sentido, a consciência viva da sociedade e da cultura em que se insere, é normal que antes de tudo reflita sobre si mesma, indague sobre sua atualidade e eficácia frente aos novos desafios dos tempos.

Queremos mostrar que a universidade se justifica a si mesma pela função que exerce na sociedade. E trata-se de uma função excelsa: o culto à verdade e a produção de conhecimentos. Como decorrência disso, a Universidade, por seu espírito crítico e por sua convivência com a verdade, tem uma afinidade natural com a justiça, que é a verdade nas relações humanas, ou a razão regendo a vida social. Essas duas referências constitutivas dão à universidade uma atualidade perene: e para enfrentar os desafios do novo milênio, a universidade não tem de virar-se pelo avesso, ou desestruturar-se. Ao contrário, necessita justamente aprofundar-se em sua essência, revigorar seu compromisso com a verdade e a justiça, pois o novo milênio vai precisar de mais conhecimentos ainda, e de mais justiça do que no passado; até para a sobrevivência de nossa civilização e, mesmo, de nossa espécie.

Para projetar o futuro, não se necessita de otimismo nem de pessimismo, mas de lucidez. Certamente a esperança também ajuda - essa virtude cantada por Péguy e analisada por Tomás de Aquino, que via nela uma força que lutava contra os obstáculos apostando na vitória. Passamos a desenvolver as relações da universidade com verdade e a justiça, que lhe dão títulos para enfrentar os desafios do novo milênio com esperança e magnanimidade.

1 - Universidade e verdade

Toda sociedade tem um leque de funções, cada uma delas polarizada por algum valor que rege a ação humana. A atividade econômica é fundamental, como também a política, já que, sob aspectos diversos, permitem a vida social. Importante também é a sutil tecelagem que organiza as relações de parentesco e de convivência; a criação artística e os ritos das cerimônias; básica também é a comunicação pela linguagem. Como se vê, há uma circulação ou circularidade entre esses diversos elementos fundamentais da vida em sociedade. Porém sobre todos e a todos penetrando, está a atividade cognitiva, a presença ubíqua da razão, porque não é em vão que o homem se define como "animal

racional". Na linguagem, nos mitos e nos ritos, nas relações de parentesco, como nas outras instâncias, está presente a razão, estruturando a expressão de seus sentidos - uma razão de certa forma cristalizada em criação coletiva e inconsciente, pois a razão assume inúmeras formas e figuras e demonstra uma astúcia desconcertante para a cartilha positivista.

Durante dezenas de milênios, foi essa a forma que a racionalidade assumiu: a de um "pensamento selvagem" (Lévi-Strauss), que ainda não retomava sobre si mesmo para detectar suas próprias leis e utilizá-las na produção de conhecimentos. Pouco a pouco, as intuições e experiências milenares foram sedimentando-se nas sentenças dos "sábios". As grandes civilizações da Antigüidade nos deixaram ensinamentos admiráveis como os de Confúcio e dos livros sagrados das religiões do Oriente.

Até que um dia, na Grécia, "de repente, não mais que de repente" , como diria Vinicius, surgiu a filosofia. A inteligência voltou-se sobre si mesma, numa reflexão abrangente, buscando detectar as leis que regiam seu funcionamento e tratando de esclarecer os problemas do mundo e do homem a partir da racionalidade, ou seja, dos princípios e métodos da razão. Também surgiram então as matemáticas, a ciência da história, e a ciência política no estudo sistemático das constituições, etc. São o chamado "milagre grego" ilustrado também na profusão das artes, e na invenção da democracia.

O mundo helenístico difundiu pela orla do Mediterrâneo a cultura grega, e até o dominador romano, como os latinos tinham consciência, foi dominado por essa cultura. Veio depois a invasão dos bárbaros e o mundo clássico submergiu por uns tempos, como o grão de trigo lançado à terra, na imagem do Evangelho; mas logo, dessa aparente morte, a vida surgiu, já que a Idade Média deve comparar-se antes com uma primavera do que com as trevas: essas trevas que para um lugar comum, tão difundido quanto imbecil, qualificam essa época. Vejam só: chamar tenebrosa uma época que construiu as catedrais e que inventou a universidade! Na verdade, as trevas estão no espírito dos filisteus incapazes de entender as realizações mais altas do espírito, toda vez que uma radical diversidade choca sua mente limitada e unilateral. "Se a luz que está em ti é trevas, como poderás esclarecer", diz o Evangelho. O intelecto abstrato e unilateral é cego para grandes parcelas da realidade e tem a petulância de achar que as luzes, que não descortina, são trevas.

Mas não assim a razão medieval. Concebia Deus como fonte de toda a realidade e verdade, e o homem, feito à imagem e semelhança de Deus, como um reflexo da inteligência infinita, situado no mundo para decifrar seu sentido, "dar-lhe um nome", como diz o livro do Gênesis.

Já que todos os seres eram vestígios de Deus, quanto melhor se conhece o mundo, melhor se conhece a Deus; e nessa linha de pensamento, poder-se-ia dizer que, na totalidade do real, é que se encontra uma imagem mais fiel de Deus. E a inteligência assumia com alvoroço essa tarefa, confiando em suas capacidades, dons e talentos provindos de Deus, e com a ambição de realizar uma síntese de todos os saberes, construindo uma espécie de catedral de conhecimentos: assim como os arquitetos reuniam pedras, madeiras e vitrais para fazerem as maravilhosas catedrais da época.

Dessa sede de verdade, unida à confiança inabalável no exercício da razão, nasceram as universidades. Há também outro fator: a concepção que predominava, na Idade Média, a respeito do ser, do mundo real. Concebia-se a imensa diversidade dos seres, o leque estonteante das diferenças, como perpassados pela ânsia de convergir em direção à unidade: e ao serem reconduzidos à unidade originária, não perderiam a riqueza e policromia que as diferenças explicitavam. Ao contrário, iam encontrar seu sentido profundo ao reconstituírem, por sua integração e complementariedade, a plenitude única da unidade que se manifesta no coração das diferenças e que se serve delas para exprimir-se.

Foi a reminiscência dessa idéia medieval, ou desse neoplatonismo cristão, que me levou a fazer uma "Louvação", em momentos de lazer poético:

Louvai a diferença, a alteridade,
a divergência e a dispersão incrível
-essa policromia irredutível
que tem o nome de diversidade.
Louvai o ser, pois quando se difunde
toma distância para convergir;
e sua plenitude, de tão grande,
consegue o mesmo e o outro reunir.
Nessa unidade do plural disperso
ao soçobrar, absorve a variedade
sem apagar o brilho do diverso
nem a pletora da pluralidade.
Louvai, na sua astúcia criativa
a unidade que o múltiplo concentra
nesse fluxo-refluxo que é a deriva
do movimento que, ao sair, adentra.
Como a luz branca abrange tantas cores,
e as cores que são nela uma só cor

no prisma e no arco-íris se explicitam,
como um amor em múltiplos amores.
Louvai, pois, e imitai em vossas vidas
o expandir-se magnânimo do ser,
seu retomo insistente à unidade,
que é seu ímã, destino, e é seu prazer.
Espalhai vossa essência em criações
morrei como a semente sepultada
na terra, e produzi flores e frutos
como da noite jorra a madrugada;
mas sempre regressando a vosso íntimo,
processando de novo a variedade,
reconduzindo a dispersão indômita
ao ponto germinal que é a unidade.

Peço desculpas aos “positivistas” por atrever-me a misturar versos com uma conferência que deveria ser séria. O pensamento positivista e, mais ainda o neopositivista, não consideram a poesia uma forma de conhecimento, mas um jogo de entretenimento. Pior para eles, pois se pode dizer da poesia as palavras do poeta: *“Et pourtant, elle est divine; et ceux qui se sont passés d’elle, ont tout ignore ici-bas”*

Não é de admirar que, com essa concepção do real a idéia medieval do conhecimento fosse também a da busca de uma unidade que acolhesse, em síntese superior, toda a riqueza dos diversos conhecimentos. Daí a universidade, em que todos os saberes e ciências não só coexistem no mesmo “campus” mas fazem dessa coexistência o pretexto para mutuamente se fecundarem; para reconstituírem, em nível de conhecimento, a unidade do ser em sua diversidade. Seu movimento era totalmente antagônico ao dos «desconstrutivistas» da pós-modernidade: era um pensamento construtivista, um análogo no campo do espírito, como já dissemos, à empreitada dos construtores de catedrais. Com quem está a razão? Como responder, se os desconstrutivistas começam por desconstruir e invalidar a própria razão? Podemos recorrer a uma parábola, pois era assim que Cristo respondia aos fariseus. Uma *plantation* é o avesso de uma floresta tropical: a monocultura com alta tecnologia é inimiga da natureza, precursora da morte e da deterioração do planeta, enquanto a floresta tropical, na biodiversidade que a caracteriza, na simbiose de espécies diversas vegetais, juntamente com insetos e uma variedade de outros animais, é o campo propício à vida, que é a verdade da natureza.

A intuição medieval estava certa: o estudo especializado e exclusivo, na unilateralidade de seus métodos e na abstração, extrema e crescente, de

—

suas preocupações, leva ao unilateralismo, desumaniza o conhecimento. Pois, quem conhece, é o homem na sua totalidade e na sua inserção social. É o homem social que conhece; e não é sem motivo que os cientistas e seus institutos de pesquisa apelam hoje, cada vez mais, para a “comunidade científica” a fim de avaliar e, por assim dizer, dar certificado de qualidade, à sua produção de conhecimentos. Mas nada substitui a circulação de conhecimentos entre diversos campos do saber, centros e especialidades. Problemas como os da bio-ética estão demonstrando que a pura “tecnalidade” não está à altura para lidar com os problemas vitais da humanidade: e a ecologia, como tantas outras disciplinas acadêmicas hoje, são uma emaranhado de pesquisas científicas provenientes de áreas múltiplas, com seus métodos diferenciados. Além dessa integração horizontal, ou do trânsito intenso através das fronteiras científicas, há integrações verticais igualmente numerosas, como a das ciências com a filosofia: esta está na base das ciências, organizando seus pressupostos, e está no ápice das ciências, porque, ao chegar às questões terminais, todo cientista assume o papel de filósofo. O mesmo se diga da ética, onipresente em qualquer atividade humana, e de modo especial na construção do saber e das técnicas que dele derivam. E da sociologia, pois a pesquisa e o ensino são atividades sociais, e existe uma “sociologia do saber” que mostra a que ponto as ciências têm na base de sua construção as visões da cultura em que se elaboram. A interdisciplinaridade, a interdepartamentalidade tornaram-se obrigatórias em nossas instituições universitárias.

Assim, a universidade, criada pela Idade Média, mudou através dos tempos sua forma e figura, mas não perdeu a essência nem a atualidade, nem poderia perdê-las; pois enquanto o espírito humano for o que é, ninguém pode tirar-lhe a necessidade da síntese, da mútua fecundação de saberes diversos, da simbiose de métodos e de especialidades. Ora, a universidade existe justamente para isso; é a institucionalização dessa necessidade do espírito humano. E se a forma da universidade mudar no novo século, no novo milênio, o que vier a substituir a universidade atual será uma universidade de forma distinta: talvez sua diferença seja maior que a existente entre a universidade contemporânea e a medieval, mas sua identidade fundamental será preservada. Com efeito, a alma da Universidade é a busca da verdade, e o saber é uma necessidade básica do espírito humano. Nisso está a nobreza da universidade, e o prestígio de que goza na comunidade humana, quem se dedica a uma atividade de tanto alcance. Feliz a sociedade que sabe honrar seus sábios e seus cientistas e lhes dá condições de exercerem a tarefa de produção e de transmissão de conhecimentos. Infeliz a sociedade que exalta acima de tudo os que só produzem espetáculos ou se dedicam ao “mundo de simulacros”: tal tipo de sociedade tem tudo para estacionar no subdesenvolvimento e na dependência, pois cada vez mais é a produção de conhecimentos que faz os países alcançarem

altos níveis de progresso. É de todo lamentável que o Governo e o poder econômico da “mass-mídia” queiram relegar o Brasil a essa posição, à qual as potências hegemônicas da globalização já nos destinaram. Se a nação também assumisse, como seu, esse papel, estaria fazendo uma tentativa de suicídio cultural, e mais ainda, comprometendo seu futuro como país soberano.

Pois é isso a Universidade: o lugar privilegiado de produção de conhecimentos, o ponto germinal donde derivam, para o futuro, os produtores de conhecimento à altura dos desafios dos novos tempos. Assim, a Universidade teve sempre como inseparáveis a pesquisa e o ensino: a busca da verdade e a formação das novas gerações para essa busca perene passando, de geração em geração, a chama que aquece e ilumina as sociedades, no verso memorável do velho Ênio :“Et quasi cursores vitai lampada tradunt”.

A Universidade do futuro tem enormes desafios a superar: mas, para isso, tem de defender a pura chama da busca da verdade contra tantas impurezas que podem corrompê-la, e contra as forças do mal que tentam abafá-la. Uma instituição do porte de uma universidade tem que dotar-se de uma administração eficiente; mas a burocracia tende a acumular cada vez mais poder e até a competir com o acadêmico, e a suplantar o que é atividade-fim da universidade. Lembra a decadência do império romano, quando a guarda palaciana tinha tendência a assumir o poder imperial.

A luta pelo poder existe em toda organização humana, porém essa “política” na universidade tende a assumir as piores taras da política em nosso país, e os que vencem não são com frequência os melhores, e sim os mais espertos ou os mais corruptos. Os ideais democráticos servem de pretexto para fazer o número prevalecer sobre a qualidade, e os Mestres de mais valor serem combatidos como uma elite privilegiada pela multidão dos medíocres. Os conflitos políticos da sociedade envolvente podem repercutir na universidade e os chiítas, os fanáticos e os radicais, de todo o espectro político, querem transformar a universidade em seu campo de batalha. Lembro-me do Chile, quando Allende chegou ao poder : os radicais não permitiam que o professor fizesse a menor crítica a Althusser, que então estava em moda como guru da esquerda marxista. A consciência crítica da sociedade, que a universidade deveria ser, fica embotada quando não se busca a verdade, mas o triunfo de uma ideologia ou de um partido político. Por outro lado, vimos nos “anos de chumbo”, o expurgo de professores marxistas ou simplesmente progressistas, pelo furor da direita fascistóide. A liberdade é irmã gêmea da verdade, a liberdade do pensamento é condição de sua existência : o pensamento ou é livre ou não é pensamento criativo: é repetição de “slogans”, e para isso bastaria uma copiadora ou um aparelho de som.

2. *Universidade e justiça*

É nessa liberdade estruturante que radica a vocação da universidade para a justiça. Sua busca da verdade se realiza no elemento da liberdade e, assim, toma uma posição crítica ante a realidade social. Como analisa a natureza e a vida, como critica as teorias que surgiram na história das ciências e nascem cada dia nas pesquisas da comunidade científica, a universidade também critica a sociedade em que se insere e não julga sagradas nem intocáveis suas estruturas tradicionais.

Seu amor à verdade faz que enfrente, muitas vezes, os poderes, pois esses costumam recorrer mais à mentira do que à verdade para perpetuar sua dominação. Tampouco respeita a ordem estabelecida fundada na injustiça, ou seja, a “desordem estabelecida”, ou injustiça estrutural em que vive nossa civilização.

Por isso a universidade tem incomodado tanto os regimes autoritários que, por sua vez, tentam subjugar-la, mas com escassos resultados; pois, como vimos, a liberdade é conatural ao pensamento. Além disso, a atividade intelectual dá à universidade um prestígio social que naturalmente se manifesta como liderança quando o autoritarismo tenta silenciar todas as outras instâncias de poder na sociedade civil. “Noblesse oblige” (diz o francês) e a universidade, que não foi feita para o heroísmo das batalhas, tem travado lutas corajosas numa história recente. Com efeito, o respeito à liberdade de opinião tem tanta dificuldade de firmar-se que até parece estarmos ainda na pré-história da democracia. Quando os homens vão aprender, pelo menos, a tolerância? Quando os poderes (sobretudo o político, mas também os “poderes” da sociedade civil) aceitarão de bom grado a crítica e até mesmo a contestação? Parece-lhes mais fácil reprimir do que dialogar e vencer as razões com razões.

É esta convivência da universidade com a justiça que a faz denunciar as injustiças sociais, sobretudo em uma sociedade tão clamorosamente injusta como a nossa. É também o que a leva a defender os direitos humanos, que são a base de uma verdadeira convivência civilizada e da construção de uma sociedade justa. Na verdade, “Direitos humanos” são a nova formulação que a justiça recebeu em nossa modernidade, baseando-se na suposição da igual dignidade de todos os seres humanos, por sua própria natureza. E quando os pós-modernos vêm ridicularizar a idéia de que existe uma natureza humana, e cobri-la de sarcasmos, pode-se lembrar que não foi por nada que seu guru na geração anterior, Heidegger, tinha fortes simpatias nazistas, e o grande desconstrutor Nietzsche proclamava o advento do super-homem que tinha o direito de esmagar todos os sub-homens que infestavam o planeta.

Direitos humanos na universidade não são apenas matéria dos cursos jurídicos, disciplina filosófica ou pesquisa da sociologia. São uma preocupação do corpo universitário como um todo, na sua prática interna e no magistério ou magistratura que exerce sobre o conjunto da sociedade. Da universidade deveria irradiar para todos os segmentos e instâncias sociais uma mentalidade favorável aos direitos humanos, a repulsa de toda a discriminação, a promoção positiva desses direitos. Direitos que não são, apenas, como nas Declarações do século passado, proibições de intervir o Estado nas prerrogativas dos cidadãos, mas sim objetivos a promover e obstáculos a superar - pelo Estado e pelo conjunto da sociedade. Necessita-se de muitas transformações na mentalidade coletiva para que se firme uma cultura dos direitos humanos; trata-se de uma verdadeira reeducação dos indivíduos e das instituições - e muito especialmente dos meios de comunicação - para que veiculem essa cultura; e para que deixem de reforçar, de maneira mais ou menos sutil, os preconceitos discriminatórios.

É evidente que, entre os direitos humanos é fundamental o direito de não ser excluído, marginalizado, - ou seja, "proibido de ser", como dizia Paulo Freire - pela miséria. Mas nem por isso os outros direitos, liberdade de expressão, de culto, de reunião, de participação política, etc., são a menosprezar. "Não só de pão vive o homem", já antecipara o Evangelho. É triste nossa esquerda dizer, na defesa do autoritarismo castrista, que "direitos humanos não enchem barriga de ninguém" e "o que o povo precisa é comida". Os senhores de escravos davam comida a suas "peças", como hoje alimentamos nossos animais. Será que gostariam que voltasse a escravidão? Ou se esses Srs. tomassem o poder, estabeleceriam uma ditadura como a de Robespierre para "ensinar o povo a ser livre?"

Os direitos humanos foram firmando-se através dos tempos em três etapas sucessivas. Primeiro, vieram os direitos do cidadão; nos começos de século XX os direitos sociais. E hoje se passa a elaborar novo tipo de direitos, como o direito à privacidade, a um meio ambiente saudável, etc. Há um progresso da consciência social que, pouco a pouco, vai sendo reconhecido em leis e em convenções internacionais. E esses direitos transbordam da sociedade humana para o conjunto da natureza viva, na figura de uma "consciência ecológica". Esse é um grande progresso que se está realizando em nossos dias, sob nossos olhos, e minha impressão é que os educadores primários estão mais preocupados com a educação ambiental que as universidades: muitas delas sequer têm a disciplina Direito Ambiental, ou Ecologia. O que é uma lástima, pois com essa pouca atenção aos problemas ambientais, de que depende a sobrevivência da humanidade no planeta, as universidades parecem mais estacionadas nas etapas iniciais da revolução industrial, devastadora da natureza, do que abertas para o século XX e para os problemas cruciais do novo milênio e do futuro de nossa espécie.

Para irradiar, na sociedade envolvente, o respeito efetivo dos Direitos humanos, as universidades precisam formar as novas gerações dentro de uma mentalidade de cidadãos responsáveis e éticos. Educar exige que, junto com a competência técnica, se transmita uma atitude ética; que se formem para a cidadania plena os alunos. O ideal da educação é formar um ser humano completo: que não só tenha competência profissional, mas também dignidade e retidão, preocupação com os problemas de seu país e com o exercício consciente da cidadania; que não seja indiferente aos problemas sociais, mas solidário e responsável, participante de movimentos em favor da emancipação das discriminações e opressões, ou, pelo menos, apoiando-os dentro de suas possibilidades. A corrupção, que grassa em nosso país e em tantos outros, tem de ser combatida pela infusão de uma nova cultura de honestidade e de espírito público, e nisso muito podem fazer as universidades, formando as novas gerações dentro desses valores e difundindo, pela sociedade, uma mentalidade ética e cidadã.

Conclusão

A universidade prepara-se para enfrentar o futuro com lucidez quando seu leque de preocupações abrange os problemas do mundo, da civilização, da paz entre os povos e do distanciamento enorme entre as nações em matéria de condições de vida e de respeito à dignidade humana. Mas, muito especialmente, quando volta seu olhar para a realidade nacional e regional em que se enraíza. A famosa “torre de marfim”, metáfora da intelectualidade alienada dos verdadeiros problemas reais, é incompatível com a universidade que, junto com a verdade, procura a justiça. E como poderia deixar de procurá-la? A universidade tem uma responsabilidade social que está na medida de sua importância e influência na sociedade humana: ela é uma criação da sociedade, que lhe proporciona raízes e lhe atribui funções. Entre essas, sobressai a reprodução da sociedade e de sua cultura: a universidade tem a seu cargo a formação das novas gerações e, em especial, de suas lideranças. Felizmente, não se trata de uma cópia automática como numa máquina xerox nem mesmo da repetição do código genético que a natureza opera em cada novo indivíduo da espécie. Se o homem, hoje em dia, descobriu a engenharia genética, abrindo perspectivas de amplas transformações e correções a partir do genoma, - isso na ordem da cultura existiu desde sempre, e as revoluções epistemológicas assim foram propagadas. Seria realmente lamentável que a universidade tivesse fatalmente de copiar a estrutura injusta existente, de reproduzir a desigualdade e a opressão. O espírito crítico da universidade, a racionalidade que marca suas atividades não o permitem. A

universidade, que não fosse uma fonte de renovação e de transformações, seria decadente e mesmo perniciososa.

Para corresponder aos desafios dos novos tempos, a universidade, nessa virada de milênio, deve empenhar-se para que a nova geração que está formando tenha senso de justiça, amor à verdade, espírito de cidadania mais apurados do que os tinham as gerações anteriores. Assim fazendo, não há dúvida de que a universidade continuará atual e insubstituível, como uma chama de esperança e promessa de vida plena iluminando os caminhos da justiça e da verdade para um mundo novo.

Endereço do Autor:
Rua do Príncipe, 526
50050-900 Recife - PE